

Divisão Regional do Rio Grande do Sul

Justificação de Maria Fagundes de Souza Docca Pacheco

Em reunião do Diretório Regional de Geografia, realizada dia 20 de março de 1956, com a presença do geógrafo Dora do Amarante Romariz, representante do Conselho Nacional de Geografia, foi a Divisão Regional do Rio Grande do Sul, alterada com bases nos estudos realizados no Serviço Estadual de Geografia e aprovados por aquêle órgão Federal.

Passou, assim, a Divisão Regional do Estado a vigorar, com onze (11) zonas, a saber:

- 1 — Litoral
- 2 — Depressão Central
- 3 — Missões
- 4 — Campanha
- 5 — Serra do Sudeste
- 6 — Encosta do Sudeste
- 7 — Alto Uruguai
- 8 — Campos de Cima da Serra
- 9 — Planalto Médio
- 10 — Encosta Inferior do Nordeste
- 11 — Encosta Superior do Nordeste

Coincidem estas zonas com as nove propostas em junho de 1952 por aquêle órgão estadual, diferenciando-se tão só pela alteração de algumas denominações e pela sub-divisão de duas de suas zonas: Planalto que passou a Planalto Médio e a Campos de Cima da Serra e Encosta do Planalto que deu Encosta Inferior do Nordeste e Encosta Superior do Nordeste.

Por esta razão vai a seguir transcrito o estudo feito por Maria Fagundes de Souza Docca Pacheco e que acompanhou a proposição dêste Estado ao Conselho Nacional de Geografia. Adaptando-se-lhe os novos municípios, atendendo as duas subdivisões adotadas e dando a denominação de "zonas" para ficar de acôrdo com a divisão sistemática daquêle órgão federal de geografia, que classifica o Brasil em Grandes Regiões, Regiões, Sub-Regiões e Zonas.

Baseada em estudos das "regiões elementares", que constituem a divisão de um território relativa a uma só categoria especial de fenômenos, tais como geológicos, orográficos, climáticos, botânicos, etc. propõe, a Secção de Geografia a divisão regional do Rio Grande do Sul, em 9 zonas distintas, atendendo a que o conceito de "região natural" resulta de um conjunto de caracteres (nunca por um único isoladamente) correlacionados entre sí, porquanto tal correlação é que confere a cada região natural a sua unidade característica". Estudando-se, dêsse modo, as regiões geográficas complexas", que são as áreas nas quais se superpõem diversas "regiões elementares".

Na delimitação das regiões naturais, consiste a grande dificuldade de dêsse estudo, pois há sempre zonas de transição que não permitem, já se vê, a justaposição, de mapas de regiões elementares.

Contudo, foram agrupados em cada região natural os fenômenos que lhe dão a nota característica, salientando-lhe o cunho particular de região.

Não foi levado neste estudo, absolutamente em consideração, dados de região econômica ou região humana, por se considerar com Fábio de Macedo Soares Guimarães, Camille Vallaux, Vidal de la Blache e Lucien Gallois serem a região natural e a região humana duas coisas muito diferentes: a primeira baseia-se na geografia física e a segunda na geografia humana. A região natural joga com dados estáveis, como sejam geológicos, de relêvo, clima e vegetação, ao passo que a região humana o faz com a instabilidade notória da influência demográfico-econômica.

Com êste critério geográfico fica dividido o Estado nas seguintes zonas:

1) — LITORAL — Consiste esta região na faixa de terra localizada entre o mar e as lagoas Mirim e dos Patos, tendo, ainda, ao norte a Serra Geral como anteparo pelo lado do poente.

Faixa de terra estreita e plana na direção SO-NE, medindo cerca de 10 Km entre pôrto de Tôrres e o arrôio Chuí, é formada por sedimentos aluvionais, do quaternário, possuindo fracas altitudes de cômoros de areia.

Ê dotada de clima úmido, com grande formação de nevoeiros, considerável número anual de trovoadas e ventos com grandes velocidades predominando acentuadamente os de nordeste. Temperatura média anual 17°5 no Sul e 17°9 no Norte, amenizada pela vizinhança do Atlântico. As máximas absolutas já ultrapassaram 38°5, chegando mesmo a mais de 42°0,, exceto no Norte, onde não atingiram 36°0. As mínimas baixam de 0°, em todo o litoral menos em Tôrres onde não atinge esta cifra. Normais mensais de chuva de 60 a 140 mm, no Sul e de 90 a 145 mm no Norte.

Ventos predominantes acentuadamente os de nordeste, sendo esta região do Estado em que o vento atinge as mais altas velocidades. Ê grande o número anual de trovoadas e a formação de nevoeiros. Neve apenas na zona Sul.

Contém espécies vegetais de hábitos xerófilos nas formações campestres, palustres e de dunas arenosas, de que é formada esta zona.

Compreende os municípios de:

- 1 — Osório
- 2 — Rio Grande
- 3 — Santa Vitória do Palmar
- 4 — São José do Norte
- 5 — Tôrres

2) — DEPRESSÃO CENTRAL — A base geológica desta zona assenta quase tôda na área de sedimento gondvânicos, salvo pequenos trechos situados ao norte que apanham a região do trapp do planalto e outros maiores situados ao sul que atingem a área granítica do Escudo Rio-grandense. Sua altitude máxima é de 200 metros.

Zona desaguadora de rios oriundos do planalto e das serras do Sul, é onde a vegetação palustre atinge, em nosso Estado, seu desenvolvimento máximo. O solo pantanoso das margens fluviais favorece a existência, não só dos aguapés, como também de largas matas de galeria, com grande variedade de espécies vegetais, porém de porte médio. Isso verifica-se ao centro e ao norte da região, já ao sul, nota-se na fisionomia da paisagem a influência das formações campestres de coxilhas secas assentadas sobre o solo granítico.

Clima quente, com temperatura média anual de 19°4 e no qual as temperaturas máximas já ultrapassaram 40°5. As normais de chuva são superiores as 1300mm e inferiores a 1800 mm. Ventos predominantes os do quadrante leste. Número relativamente grande de trovoadas e forte formação de nevoeiros. Ocorrem geadas, neve, porém, verificou-se apenas, em Santa Maria.

Compreende esta região os municípios de:

- 1 — Cacequí
- 2 — Cachoeira do Sul
- 3 — Canoas
- 4 — Esteio
- 5 — General Câmara
- 6 — General Vargas
- 7 — Gravataí
- 8 — Guaíba
- 9 — Pôrto Alegre
- 10 — Rio Pardo
- 11 — Santa Maria
- 12 — São Jerônimo
- 13 — São Pedro do Sul
- 14 — São Sepé
- 15 — Taquarí
- 16 — Triunfo
- 17 — Viamão

3) — MISSÕES — Esta denominação é de origem histórica, provém das missões jesuíticas ali instaladas, nos albores da dominação branca no continente sul-americano.

Constitui esta região a encosta ocidental do planalto rio-grandense, sendo-lhe geologicamente, semelhante, isto é, contém um capeamento de efusivas triássicas sobre base de arenito. Com altitudes máximas de 500 mts. desce em suave rampa até a margem do rio Uruguai, onde chega a cerca de 50 mts. acima do nível do mar.

Caracteriza-se por ser uma região quente com temperatura de 19°2 e onde as máximas absolutas já ultrapassaram 40°0. Normais anuais de chuvas superiores a 1800 mm e inferiores a 1950 mm. Ventos variáveis havendo contudo predominância dos de sueste. Regular formação de nevoeiros, geadas e neve. É a região do Estado em que ocorre maior número de trovoadas. Vegetação predominante, campos, havendo contudo mata de galeria ao longo de alguns de seus rios. O

aspecto topográfico é de modo geral um declive mínimo, de leste para oeste, como continuação que é do planalto, em suave ondulações de coxilhas. Estão incluídos nesta zona os municípios de:

- 1 — Cêrro Largo
- 2 — Itaqui
- 3 — Jaguarí
- 4 — Santiago
- 5 — Santo Angelo
- 6 — São Borja
- 7 — São Francisco de Assis
- 8 — São Luiz Gonzaga

4) — CAMPANHA — É uma zona caracterizada principalmente por uma planície de campo gramináceo que lhe toma mais da metade de seu território e onde as outras formações vegetais desaparecem na fisionomia da paisagem, bem como o relêvo pouco significativo das coxilhas e lombas existentes (tais como os cerros Agudo, Loreto, e Glória), os quais constituem restos isolados dos sedimentos de arenito triássico, indicando a continuidade desta formação geológica em sentido da Serra Geral.

Abrange esta zona várias formações geológicas como sejam: um lençol de eruptivas basálticas, continuação do derrame basáltico do planalto, situado na metade oeste; e na metade leste da Campanha as formações triássicas de arenito, os sedimentos gonduânicos do permo-carbonífero, as rochas graníticas do algonqueano e gneiss do arqueano.

Quanto ao clima é uma região moderadamente quente, temperatura média anual de 18°1. Os valores extremos foram observados em Dom Pedrito, 42° e 6° abaixo de zero. Normais anuais de chuvas superiores a 1350 mm. e inferiores a 1650 mm. Formação de nevoeiro pouco freqüente. Há geadas e neve e o número de trovoadas é o menor do Estado.

Dada a pequena declividade do solo, pendente para oeste suas águas fluviais não são torrentosas, notando-se mesmo vastas porções de banhados nos cursos médios e inferiores dos rios.

Situam-se nesta zona os municípios de:

- 1 — Alegrete
- 2 — Bagé
- 3 — Dom Pedrito
- 4 — Livramento
- 5 — Quaraí
- 6 — Rosário do Sul
- 7 — São Gabriel
- 8 — Uruguaiana

5) — SERRA DO SUDESTE — Esta região compreende não propriamente a zona do escudo riogrande se ou seja, do arqueano, posto que, o complexo fundamental abrange uma região maior, indo em

nosso Estado, desde as proximidades da Lagoa dos Barros, até a fronteira Uruguaia, e sim a zona das serras que constituem restos do relêvo brasílico chamado Serra do Mar. Portanto é uma região um tanto acidentada e de solo granítico toda ela. Sua altitude média é de cerca de 400 m. acima do nível do mar e a vegetação, dado o solo raso, é rasteira e escassa, de um modo geral. Apenas na vertente oriental da Serra do Herval e nas margens dos rios Camaquã, Piratini e seus afluentes mais volumosos são encontradas matas virgens que se assemelham em viço e composição às matas sub-tropicais do planalto.

Climaticamente é uma região fria e úmida, com temperatura média anual de 16°5. As temperaturas máximas absolutas já ultrapassaram 37°5, porém inferiores a 41°0. O maior valor observado foi de 40°5, em Piratini, e a mínima absoluta é de 4°5 abaixo de zero, na mesma localidade. Com normais anuais de chuvas superiores a 1350 mm. e inferiores a 1700 mm.

Ventos predominantes os do leste. Grandes formações de nevoeiros, geadas e nevadas. Regular ocorrência de trovoadas.

Ficam restritos a esta região os municípios de:

- 1 — Caçapava do Sul
- 2 — Canguçu
- 3 — Encruzilhada do Sul
- 4 — Herval
- 5 — Lavras do Sul
- 6 — Pinheiro Machado
- 7 — Piratini

6) — ENCOSTA DO SUDESTE — Constitue esta região o sopé leste das serras do sul do Estado e a orla lacustre do estuário do Guaíba e das lagoas dos Patos e Mirim.

Sua estrutura geológica pertence à região granítica do arqueano acrescentada de terrenos aluvionais de sedimentos do período quaternário junto às margens lacustres.

Situada à beira de grandes massas de águas possui clima úmido em geral. Ventos predominantes os de nordeste. Formação de nevoeiros, geadas e neve.

Em consequência de ter, toda divisão regional para fins utilitários, que atender a delimitação municipal, atinge esta zona além da planície costeira o relêvo do sopé da Serra do Sudeste; culminando na curva de nível de 400 mts., junto à encosta leste de sua ramificação — a serra do Canguçu.

Quanto à vegetação contém as espécies campestre e palustre da faixa litorânea marítima e mais os tipos oriundos da Serra do Sudeste.

Ficam incluídos nesta zona os municípios de:

- 1 — Arrôio Grande
- 2 — Camaquã
- 3 — Jaguarão
- 4 — Pelotas
- 5 — São Lourenço do Sul
- 6 — Tapes

7) — ALTO URUGUAI — Constitue esta zona por excelência a zona da mata, hoje quase que inteiramente devastada, de árvores de grande porte e origem pluvial, zona da mata subtropical do Rio Grande do Sul.

Situada principalmente no vale do rio Uruguai caracteriza-se por ser zona úmida, com chuvas abundantes, extraordinária formação de nevoeiros e pequena ocorrência de geadas. Temperatura média anual 19°1, as máximas absolutas já ultrapassaram 41°0. O maior valor observado no entanto, foi 41°2, em Iraí e a mínima absoluta foi de 5°3 abaixo de zero, na mesma cidade. Normais anuais de chuva superiores a 1650 mm. e inferiores a 2000 mm. Grande ocorrência de trovoadas. Formação de geadas e neve em Marcelino Ramos.

Geològicamente fica esta zona situada sôbre o lençol de eruptivas basálticas que no triássico recobriu o planalto sul-brasileiro. Seu solo fértil de terras roxas e similares, dando origem à mata, provém do trabalho erosional, impresso pelo rio Uruguai e seus afluentes.

Quanto ao relêvo, parte da zona situa-se no planalto formado de campos rasos, a maior parte, porém, no vale do rio Uruguai, com um desnível de cêrca de 450 mts. desde a zona mais alta, sul do município de Palmeira das Missões, até a margem do citado rio. Localizando-se, pois, a mata na região do desnível, vale dizer, na região erosional, confirma-se a asserção do Padre Rambo de que "o mato é uma função direta da acidentação e irrigação do solo e o campo é uma função inversa dos mesmos fatores".

São incluídas nesta zona os seguintes municípios:

- 1 — Aratiba
- 2 — Crissiumal
- 3 — Erechim
- 4 — Frederico Wesphalen
- 5 — Getúlio Vargas
- 6 — Giruá
- 7 — Gaurama
- 8 — Horizontina
- 9 — Iraí
- 10 — Marcelino Ramos
- 11 — Palmeira das Missões
- 12 — Pôrto Lucena
- 13 — Santa Rosa
- 14 — Sarandí
- 15 — Santo Cristo
- 16 — Tenente Portela
- 17 — Três de Maio
- 18 — Três Passos

8) — CAMPOS DE CIMA DA SERRA — É esta a zona mais alta do Estado, atingindo a leste do planalto, próximo à borda dos "Aparados", a altitude de 1.200 mts. acima do nível do mar.

A constituição geológica desta zona é toda a mesma: uma base de arenito cólico que se descobre nos recortes profundos dos rios e um lençol de rochas eruptivas triássicas modernas (basaltitos e meláfiro) que em sucessivos derrames efusivos lhe constitue o capeamento.

Climaticamente é uma zona úmida e das mais frias, com temperatura média anual 17,°1, e mínima absoluta 8,°5 abaixo de zero, sendo o maior valor negativo do Estado. Normais anuais de chuva superiores a 1550 mm. e inferiores a 2050 mm. Zona de geadas abundantes, das mais fortes nevadas do Estado e ventos predominantes do quadrante norte. Quanto à vegetação predomina o campo e o aspecto fisiônimo da paisagem é uma região escalonada em suavíssimo declive orientado de leste para oeste. Estão incluídos nesta zona os seguintes municípios:

- 1 — Bom Jesus
- 2 — Lagoa Vermelha
- 3 — Sananduva
- 4 — São Francisco de Paula
- 5 — Vacaria

9) — PLANALTO MÉDIO — Restringe-se esta denominação à parte central do planalto sul-brasileiro que no Rio Grande do Sul se compõe de quatro zonas, assim denominadas: Campos de Cima da Serra, Planalto Médio, Missões e Alto Uruguai. Possui, portanto, a mesma constituição geológica: rochas eruptivas basálticas e meláfiras e ainda arenito de S. Bento. Sua altitude média é de 500 mts. acima do nível do mar. Temperatura média anual 17°7. Zona fria, porém, seca. Temperatura máxima absoluta 39,° em Cruz Alta (1934) e mínima absoluta 6°0 em Júlio de Castilhos (1942) e em Passo Fundo (1918). Normais anuais de chuva superiores a 1550 mm. e inferiores a 2050. Velocidade média geral dos ventos 2 a 4 mts., predominando os do quadrante sueste. Grande formação de nevoeiros, geadas abundantes e freqüente queda de neve. Zona muito atingida por ondas de frio e raramente por ondas de calor.

Solo melafírico vermelho, de grão fino. Campos de cespede alto com aristidas e baccharis e matos isolados (Capões) com associações idênticas às florestas de araucárias.

Ficam incluídos nesta zona os seguintes municípios.

- 1 — Carazinho
- 2 — Cruz Alta
- 3 — Espumoso
- 4 — Ibirubá
- 5 — Ijuí
- 6 — Júlio de Castilhos
- 7 — Marau
- 8 — Não - Me - Toque
- 9 — Panambi
- 10 — Passo Fundo

- 11 — Soledade
- 12 — Tapejara
- 13 — Tapera
- 14 — Tupanciretã

10) — ENCOSTA INFERIOR DO NORDESTE — Zona situada na parte inferior da encosta do planalto sofre a erosão dos rios dos Sinos, Caí, Taquarí, Jacuí e afluentes. Formações geológicas de eruptivas basálticas e de arenitos triássicos, de S. Bento e de Botucatu. Temperatura média anual 19,7°, máxima absoluta 42° em Taquara (1926) e mínima absoluta 3°8' abaixo de zero em Santa Cruz do Sul (1945). Pluviosidade abaixo da média do Estado (1938 mm. anuais em Taquara e 1699 mm. em Santa Cruz do Sul). Frequentes geadas e nevoeiros.

Estão incluídos nesta zona os seguintes municípios:

- 1 — Arroio do Meio
- 2 — Caí
- 3 — Candelária
- 4 — Canela
- 5 — Encantado
- 6 — Estrêla
- 7 — Gramado
- 8 — Lajeado
- 9 — Montenegro
- 10 — Nova Petrópolis
- 11 — Novo Hamburgo
- 12 — Roca Sales
- 13 — Rolante
- 14 — Sapiranga
- 15 — Santa Cruz do Sul
- 16 — Santo Antônio
- 17 — São Leopoldo
- 18 — Sobradinho
- 19 — Taquara
- 20 — Venâncio Aires

11) — ENCOSTA SUPERIOR DO NORDESTE — Esta zona fica assentada na encosta do planalto, profundamente erodida pelos rios Caí, das Antas, Taquarí e seus afluentes. Geologicamente é uma continuação do planalto, notando-se as formações de eruptivas basálticas e à sua base o arenito triássico. Climaticamente constitui a zona mais fria do Estado, com a temperatura média anual de 16°0,

sendo os valores extremos verificados em Guaporé: 38°8 e 8°4 abaixo de zero. Normais anuais de chuva superiores a 1800 mm. e inferiores a 2500 mm. Ventos predominantes os do sudeste. Abundantes formações de nevoeiros, geadas e neve. Vegetação do mato sub-tropical com elementos imigrados da mata virgem do alto Uruguai e campos de pastagem. A fisionomia de sua paisagem é acidentada, erosionada pelos rios, por vêzes, fortemente encaixados em vales.

São incluídos nesta zona os municípios seguintes:

- 1 — Antônio Prado
- 2 — Bento Gonçalves
- 3 — Casca
- 4 — Caxias do Sul
- 5 — Farroupilha
- 6 — Flôres da Cunha
- 7 — Garibaldi
- 8 — Guaporé
- 9 — Nova Prata
- 10 — Veranópolis



BIBLIOGRAFIA

- 1 — Guimarães, Prof. Fábio de Macedo Soares — Divisão Regional no Boletim Geográfico, n.º 59, 1948 — C. N. G.
- 2 — Leinz, (V), Barbosa (A.F.) e Teixeira (E.A.) — Mapa Geológico Caçapava - Lavras. Escala 1:200,00 — Boletim n.º 90 da Dir. Produção Mineral, da Secretaria da Agricultura, 1941.
- 3 — Machado, Floriano Peixoto — Contribuição ao Estudo do Clima do Rio Grande do Sul — Serviço Gráfico do I. B. G. E. — Rio de Janeiro, Brasil 1950
- 4 — Nogueira P. C. — Regiões Fisiográficas do Estado do Rio Grande do Sul — Livraria Selbach, Pôrto Alegre, Brasil.
- 5 — Oliveira, A. Ignácio e Leonardos, O. Henry — Geologia do Brasil — Serviço de Informações Agrícola do Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, Brasil
- 6 — Rambo, Padre Balduino, S. J. — A fisionomia do Rio Grande do Sul — Of. Gráfica da Imprensa Oficial — 1942, Pôrto Alegre, Brasil.
- 7 — Thofehrn, Hans A. — Esboço Hipsográfico da Carta Geral do Estado do Rio Grande do Sul — Diretoria de Terras e Colonização da Secretaria da Agricultura, Pôrto Alegre, Brasil, 1941
- 8 — Uchôa, Dr. Gaspar — Descrição sumária das zonas agro-geográficas do Estado do Rio Grande do Sul (Projeto).



RIO GRANDE DO SUL

